

Erracismo

O resultado de tantos erros é conhecido, e hoje sabemos que humanos são farinha genética do mesmo saco

BETO VIANNA

Nem toda teoria errada é racista, mas toda teoria racista é errada. Ou tem se mostrado errada em 300 anos de ciências humanas e biológicas no ocidente. Cada formulação racista dura o tempo que dura graças aos grupos que dela usufruem, mais que a uma cultura que lhe dê sustentação. E o revés de um argumento racista é sempre fulminante. Ai, jogamos o argumento na lata de lixo mais próxima, e seguimos a vida. Bom, é o que deveria acontecer se fôssemos espertos.

No século XVIII, Montesquieu ensinou que ir ao exterior é educativo, pois “saímos do círculo de preconceitos do próprio país e não estamos dispostos a assumir os dos outros”. Dada a eminência do filósofo, espanta, três séculos depois, ver quem faz o oposto: viaja com a mala cheia da velha mentalidade da Casa-Grande e traz, de souvenir, preconceito fresquinho aprendido no país rico (é rico pois não sofre de nossas crioulas incapacidades). É como se tanto tempo não houvesse se passado no pensamento científico ou da epopeia colonialista que botou canga nos afro-americanos. A equação que torna ruim tudo o que é preto continua congelada na imaginação, logo daqueles que frequentam as melhores escolas. Difícil de acreditar.

Há 200 anos, curtíamos a noção de que cada ser, da humilde ameoba ao glorioso ser humano, dispunha-se em uma escada ascendente e imutável. Para o negócio da época - explorar e escravizar o outro - o mesmo valia para as raças: pretos embaixo, os brancos no topo da escadaria. Darwin bagunçou esse coreto ao mostrar que os seres vivos, tal como as estrelas da música do Roberto, “mudam de lugar”, e que evolução implica estabilidade enquanto espécie - a humana, inclusive -, descartando a ideia de raça mais evoluída. Mas o mundo imperialista não engoliu essa. Nas décadas seguintes, com a partilha europeia da África e a exploração do “quintal dos EUA” (nós), criam-se elaboradas teorias racistas, da craniometria (depreciando mulheres, negros e índios) à eugenia (melhoramento das raças) e aos testes de inteligência (nome curioso para uma asnice).

O resultado de tantos erros é conhecido, e hoje sabemos que humanos são farinha genética do mesmo saco: duas famílias africanas diferem mais entre si que minha família sueca e qualquer uma delas. Racistas de hoje são tão atrasados, que até isso conseguiram não entender. De posse da informação crucial de que as diferenças de condição (entre grupos, classes, povos, nações) não têm a ver com algum desnível congênito, mas são históricas, posicionam-se contra os ajustes que devemos fazer para reverter o quadro atual de pobreza, desigualdade e desrespeito.

Passou da hora de todos nós - racistas



ou não - entendermos que as diferenças de riqueza e dignidade não são obras da sorte, mas foram talhadas com a ajuda de teorias racistas completamente desacreditadas.

Errar é bastante humano. Mas errar contra os humanos, sabendo o que já sabemos sobre os humanos, não.

* Linguista